



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

RENATA VIDAL PORTELA

**ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS COM DISLEXIA: QUE SE
PROPÕE**

SANTARÉM-PA

2025

RENATA VIDAL PORTELA

**ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS COM DISLEXIA: QUE SE
PROPÕE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Letras, do Instituto de Ciências da Educação (ICED), da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras-Português.

Orientadora: Profa. Dra. Celiane Sousa Costa

Coorientadora: Profa. Ma. Thaiza Oliveira da Silva

SANTARÉM-PA

2025

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

- P843e Portela, Renata Vidal
 Ensino da língua portuguesa para alunos com dislexia: que se propõe./ Renata Vidal Portela. – Santarém, 2025.
 47 p.: il.
 Inclui bibliografias.
- Orientadora: Celiane Sousa Costa.
 Coorientadora: Thaiza Oliveira da Silva.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Letras – Português.
1. Ensino. 2. Aprendizagem. 3. Aquisição da linguagem. I. Costa, Celiane Sousa, *orient.* II. Silva, Thaiza Oliveira da, *coorient.* III. Título.

CDD: 23 ed. 371.9144

**ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS COM DISLEXIA: QUE SE
PROPÕE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Letras, do Instituto de Ciências da Educação (ICED), da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras-Português.

Data de Aprovação: 13 / 06 / 2025

Nota: 10,0

Prof. Dra. Celiane Sousa Costa (Ufopa) – Orientadora

Prof. Dra. Maria da Conceição Queiroz Vale (Ufopa) – Examinadora

Prof. Me. Washington Luís dos Santos Abreu (Ufopa) – Examinador

Aos meus familiares.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus e à minha família, por todo o suporte emocional e psicológico, e acima de tudo, por acreditarem na minha capacidade.

Aos meus colegas de turma, pois, graças à nossa união e apoio, conseguimos enfrentar a pandemia e todas as dificuldades que ela trouxe a nós e ao nosso processo formativo.

Às professoras orientadoras, Dra. Celiane Costa Sousa e Ma. Thaiza Oliveira Silva, pelo suporte e disponibilidade para responder todas as minhas dúvidas.

A todos os professores de língua portuguesa que me acompanharam, inspiraram e auxiliaram ao longo de toda minha jornada acadêmica e neste percurso de professora em formação.

O objetivo é garantir que são as habilidades, e não as deficiências, que determinam a vida da criança (Shaywitz, 2006).

RESUMO

A Dislexia é um transtorno de aprendizagem relacionado à linguagem e relacionado à educação, já que se trata de aprendizagem, no entanto, são comuns pesquisas na área da saúde incidindo diretamente na área da educação, ditando orientações e rumos de como proceder com o público da educação, principalmente, em estudos sobre aquisição da linguagem. Com o intuito de verificar o que se tem produzido sobre o tema na área da educação e do ensino-aprendizagem de línguas, temos como objetivo geral examinar que se tem publicado como orientação para o ensino de Língua Portuguesa a alunos com dislexia com o propósito de auxiliar o professor a entender mais sobre dislexia e encorajá-lo a procurar metodologias mais inclusivas para que o processo de aprendizagem seja eficiente e como objetivos específicos: caracterizar a dislexia; estabelecer as implicações do transtorno na aprendizagem de Língua Portuguesa; apresentar o que se tem publicado para orientar profissionais de Língua Portuguesa no ensinar de alunos com dislexia. A partir de um levantamento bibliográfico em periódicos *on-line*, se procedeu a verificar o estado da questão, com intuito de fazer um panorama dos trabalhos produzidos na área de educação e da linguística. Após o levantamento, fizemos a leitura dos textos e os dividimos em três categorias, de acordo com a proximidade entre eles, a saber: concepções dos professores sobre o ensino da Língua Portuguesa para alunos com dislexia; a vivência do disléxico na sala de aula, e por fim, as práticas docentes que auxiliam na aprendizagem dos alunos. Como resultado, foi percebido que, apesar de haver ainda poucas produções sobre a dislexia e o ensino da língua portuguesa, os artigos encontrados discutem o assunto com clareza e trazem metodologias que os professores podem abordar em sala de aula, de forma a contribuir com uma aprendizagem eficaz.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Aquisição da linguagem. Língua Portuguesa. Dislexia.

ABSTRACT

Dyslexia is a learning disorder related to language; however, despite its connection to education, as it involves learning, it is more common to see research in the health field, which directly impacts the educational area, providing guidelines and directions on how to work with this group, mainly in studies on language acquisition. Thus, with the aim of examining what has been produced on the topic in the areas of education and linguistics, our general objective is to examine what has been published as guidance for teaching the Portuguese language to students with dyslexia with the purpose of helping the teacher to understand more about dyslexia and encouraging him to look for more inclusive methodologies so that the learning process is efficient. Specific objectives include: - characterizing dyslexia; - establishing the implications of the disorder in the learning of the Portuguese language; - presenting what has been published to guide Portuguese language professionals in teaching students with dyslexia. Based on a bibliographic survey of online journals, we proceeded to verify the state of the matter, with the aim of creating an overview of the work produced in the area of education and linguistics. After the survey, we read the texts and divided them into three categories, according to their proximity to one another: teacher's conceptions about teaching Portuguese to students with dyslexia; the dyslexic experience in the classroom; and, finally, teaching practices that help students' learning. As a result, it was observed that although there are still few publications on dyslexia and teaching the Portuguese language, the articles found were very successful in providing clarity on the topic and offering methodologies that teachers can adopt in the classroom to contribute to healthy and effective learning.

Keywords: Teaching. Learning. language acquisition. Portuguese Language. Dyslexia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem da região do cérebro onde fica localizada a área de Wernicke	17
Figura 2 – Comparação dos cérebros com dislexia e sem dislexia	18
Figura 3 – Palavras escritas por disléxicos com trocas de letras de fonemas acusticamente próximos.....	21
Quadro 1 – Desenvolvimento da linguagem e da fala na infância.....	15
Quadro 2 – Características dos hemisférios do cérebro.....	18
Quadro 3 – Características dos disléxicos na leitura, escrita e habilidades	20
Quadro 4 – Quantitativo de trabalhos encontrados na pesquisa.....	28
Quadro 5 – Concepção dos professores sobre o ensino da Língua Portuguesa para alunos com dislexia	29
Quadro 6 – Vivência do disléxico na sala de aula.....	33
Quadro 7 – Práticas docentes que auxiliam na aprendizagem dos estudantes	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O QUE É A DISLEXIA?	12
2.1 Que se compreende por dislexia	13
2.2 Dislexia e Aquisição da Linguagem	14
2.2.1 A dislexia sob o âmbito biológico.....	15
2.2.2 A dislexia sob o âmbito das Ciências Humanas	19
2.2.4 Dislexia: sobre garantia de direito, a realidade escolar e implicações dessa não garantia	24
3 ESTADO DA ARTE DA QUESTÃO SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS COM DISLEXIA	27
4.1 Concepção dos professores sobre o ensino da Língua Portuguesa para alunos com dislexia	29
4.2 A vivência do disléxico na sala de aula	33
3.3 Práticas docentes que auxiliam na aprendizagem dos alunos	38
5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem, a aprendizagem da escrita e o desenvolvimento das habilidades linguísticas são muito importantes para os indivíduos, pois a língua é condição essencial tanto para estabelecer interações sociais quanto para a apropriação de conhecimentos histórico-culturais que integram o legado da humanidade. Isto é, integra tanto o cotidiano dos indivíduos quanto atividades não cotidianas que envolvem, inclusive o pensamento e o intelecto.

Como a língua está intrinsecamente relacionada à sociedade, segundo Labov (2008), a relação entre língua e sociedade brasileira apresenta uma divisão, fundamentada em questões históricas, políticas, econômicas, o que realça a desigualdade brasileira, conforme Lucchesi (2015). A maleabilidade do sistema linguístico produzida pelo mecanismo da variação linguística permite que a língua capture em sua configuração estrutural as diversas nuances das diferenças sociais, de modo que, dialeticamente, não é possível compreender a configuração estrutural de uma língua como fenômeno sócio-histórico sem compreender a história e a configuração da sociedade na qual essa língua é falada. Desta forma, faz-se necessário que o ambiente escolar brasileiro se apresente como um lugar propício para atenuar, em certa medida, essas diferenças, sobretudo, quando se considera que disparidades sociais são ainda mais acentuadas por potenciais marcadores de diferenças nos corpos de algumas pessoas.

Para que o ensino seja eficiente, é necessário que os professores saibam como os alunos aprendem, como eles interagem e, sobretudo, as diferentes formas de ensinar, afinal a escola é o ambiente que reúne o maior número de diversidade de pessoas considerando a composição plural desse país, que reúne diferentes etnias, religiões, línguas, culturas, tornando o ofício do professor mais complexo.

Além disso, há que se levar em consideração que a realidade escolar conta com potenciais alunos em condição especial: pessoa com deficiência, com algum transtorno ou dificuldades de aprendizagem. Especificamente, escolhemos pesquisar sobre a Dislexia, posto que se trata de um transtorno de aprendizagem relacionado à linguagem e que, de modo geral, urge que pesquisas relacionadas ao tema na área da educação e do ensino aprendizagem de línguas sejam desenvolvidas, principalmente, na área de Letras-Português. Assim, o professor de Língua Portuguesa precisa conhecer sobre a Dislexia para ensinar alunos disléxicos a ler e escrever, superar suas dificuldades e melhorar suas habilidades linguísticas e de interações sociais por meio de atividades que explorem o melhor dos alunos.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo geral examinar o que se tem publicado como orientação para o ensino de Língua Portuguesa a alunos com dislexia com o propósito de auxiliar o professor a entender mais sobre dislexia e encorajá-lo a procurar metodologias mais inclusivas para que o processo de aprendizagem seja eficiente. Como objetivos específicos: - caracterizar a dislexia; - estabelecer as implicações do transtorno na aprendizagem de Língua Portuguesa; - apresentar o que se tem publicado para orientar profissionais de Língua Portuguesa no ensinar de alunos com dislexia.

Utilizamos a abordagem metodológica qualitativa, pois não se buscou somente os artigos relacionados ao tema, mas também buscou-se analisar o impacto e a relevância desses estudos para a realidade escolar e a melhor práxis dos educadores. Segundo Minayo (1994, p. 10), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

A metodologia teve como referência repositórios Proletras das Universidades Federais - tanto de artigos como dissertações, Periódico da Capes e do Scielo, Google Acadêmico. A pesquisa foi feita com critérios de inclusão, em especial, para pesquisas com foco em formação do professor, vivências dos alunos disléxicos em sala e atividades pedagógicas produzida pelos docentes e sua eficácia no processo de aprendizagem dos alunos. Por conseguinte, os fatores de exclusão foram não ser da área da Saúde. A partir da filtragem e compilação dos textos, após leitura, eles foram separados por temas, considerando as aproximações de temáticas entre eles.

Assim, o presente trabalho apresenta quatro seções. Depois desta introdução, apresentamos, na seção dois, breve caracterização da Dislexia. Na seção três, mostramos os dados levantados a partir da pesquisa e procedemos à análise. Por fim, apresentamos, na seção quatro, algumas considerações.

2 O QUE É A DISLEXIA?

O objetivo desta seção é apresentar sumariamente uma definição do transtorno de aprendizagem, especificamente, a dislexia, e seus fatores de alcance para evidenciar que a compreensão da dislexia é uma necessidade para profissionais da educação, embora conceituado e mais estudado por profissionais da área da saúde. Além disso, foi explicado

algumas características do processo de aquisição da linguagem, haja vista, que a dislexia é um transtorno que está diretamente ligado a esse processo, e também foi explorado duas perspectivas dos dois grandes campos de pesquisas sobre essa temática, sendo elas, primeiramente da área biológica e posteriormente da área das ciências humanas.

2.1 Que se compreende por dislexia

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldades no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Segundo Pinheiro (2017), a dislexia do desenvolvimento é inata ao ser humano, o que a diferencia da dislexia adquirida, a qual, por sua vez, pode ser ocasionada por lesões ou traumas cerebrais. Desta forma, este trabalho tem como foco a dislexia do desenvolvimento.

Tais dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e a outras habilidades cognitivas (IDA – International Dyslexia Association, 2002). Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5, uma importante base de estudo para análise sobre transtornos, muito utilizado, principalmente na área da saúde, o transtorno de aprendizagem pode ser descrito da seguinte forma, de acordo com os seguintes tópicos.

- **São dificuldades persistentes** para aprender habilidades acadêmicas fundamentais, com início durante os anos de escolarização formal (i.e., o período do desenvolvimento). Habilidades acadêmicas básicas incluem leitura exata e fluente de palavras isoladas, compreensão da leitura, expressão escrita e ortografia.
- Transtornos específicos da aprendizagem perturbam o padrão normal de aprendizagem de habilidades acadêmicas; **não constituem, simplesmente, uma consequência de falta de oportunidade de aprendizagem ou educação escolar inadequada.**
- Dificuldades para dominar essas habilidades acadêmicas básicas podem também ser impedimento para aprendizagem de outras matérias acadêmicas (p. ex., história, ciências, estudos sociais), mas esses problemas são atribuíveis a dificuldades de aprendizagem de habilidades acadêmicas subjacentes.
- Dificuldade de aprender a correlacionar letras a sons do próprio idioma – a ler palavras impressas (frequentemente chamada de dislexia) – **é uma das manifestações mais comuns do transtorno específico da aprendizagem.**
- As dificuldades de aprendizagem **são persistentes e não transitórias.** Em crianças e adolescentes, define-se persistência como um limitado progresso na aprendizagem (i.e., ausência de evidências de que o indivíduo está alcançando o mesmo nível dos colegas) durante pelo menos seis meses apesar de ter sido proporcionada ajuda adicional em casa ou na escola (DSM-5, 2013, p. 112, grifo nosso).

Segundo Shaywitz e Shaywitz (2023, p. 40),

Para as crianças disléxicas é diferente: a leitura, que parece ser aprendida pelas outras crianças sem esforço algum, está além de seu alcance. Essas crianças, que entendem a palavra enunciada oralmente e adoram ouvir histórias, não conseguem decifrar as mesmas palavras quando escritas. Elas sentem-se frustradas e desapontadas. Os professores perguntam-se o que eles ou a criança podem estar fazendo de errado e, com frequência, diagnosticam de forma incorreta o problema ou dão maus conselhos. Os pais questionam-se, sentindo-se culpados ou irritados. [...] Tão nociva quanto qualquer vírus que ameaça tecidos e órgãos, a dislexia pode infiltrar-se em todos os aspectos da vida de uma pessoa. Ela é comumente descrita como uma incapacidade oculta, mas apenas para aqueles que não têm de viver com a dislexia e sofrer seus efeitos.

No início dos estudos sobre a origem da dislexia, havia uma postura mais clínica. Os médicos, principalmente da Europa, utilizavam testes de visão e de QI para tentar desvendar o que seria, afinal, a dislexia, pois encontravam crianças inteligentes e carismáticas que não conseguiam ler e escrever; e muitos deles denominavam a dislexia como uma síndrome que afetava a leitura, mas essa definição não abarcava todas as características dos disléxicos.

Assim, a dislexia é composta por esses três fatores: biológico, cognitivo e comportamental e é influenciada pelo ambiente onde a criança se desenvolve.

2.2 Dislexia e Aquisição da Linguagem

Os estudos sobre a dislexia e o ensino da Língua Portuguesa estão relacionados com os estudos da aquisição da linguagem e como o cérebro aprende e se desenvolve.

A aquisição da linguagem é um dos ramos da Linguística, tendo em vista a essencialidade da linguagem para o humano, que se expressa, por exemplo, em criar relações e vínculos nas sociedades e explicar sensações e emoções humanas. Por muitos anos, os linguistas buscaram formular teorias que explicassem o porquê de os seres humanos utilizarem a linguagem.

Chomsky (2009) afirma que quando estudamos a linguagem humana estamos abordando o que alguns poderiam chamar de a “essência humana”, as qualidades distintivas da mente que são, até onde sabemos, exclusivas do homem e inseparáveis de qualquer fase crítica da existência humana, pessoal ou social.

O fato de as pessoas aprenderem de maneira criativa e espontânea as palavras ainda é alvo de estudos dos especialistas. Conforme Pinto (2016, p. 5), com as recentes contribuições das neurociências na educação, sabe-se que a criança já nasce com a pré-disposição para aprender, pois a interação com as outras pessoas e com o meio se inicia mesmo antes do nascimento, desde sua vida intrauterina com o contato com a voz da mãe e das pessoas mais

próximas, das músicas e histórias que ouve e a partir do nascimento com as interações com os demais nos diferentes lugares.

Diante disso, os estudos da aquisição da linguagem têm dois vieses. O primeiro é o das ciências naturais e médicas, que buscam analisar as dificuldades de aprendizagens – às quais, muitos nomeiam, como transtornos, com a intenção de analisar comorbidades e patologias nos sujeitos –, o segundo é o olhar das ciências humanas, que busca analisar esses aspectos, através dos problemas sociais, voltados para a escola e para a família e como esses sujeitos aprendem.

Desta forma, sabendo da importância dessas duas áreas, buscamos analisar esses dois campos. Sendo assim, primeiramente, apresentamos as contribuições das ciências naturais e da saúde e depois as das ciências humanas.

2.2.1 A dislexia sob o âmbito biológico

A dislexia vista sob o âmbito biológico envolve tão somente a caracterização do transtorno e que áreas do corpo, no caso mais específico, do cérebro, sofrem impactos e quais as implicações desses impactos para a vida da pessoa com dislexia.

Segundo Schirmer; Fontoura e Nunes (2004), o processo de aquisição da linguagem envolve o desenvolvimento de quatro sistemas interdependentes: o pragmático, que se refere ao uso comunicativo da linguagem num contexto social; o fonológico, que envolve a percepção e a produção de sons para formar palavras; o semântico, relacionado às palavras e seu significado; e o gramatical, que compreende as regras sintáticas e morfológicas para combinar palavras em frases compreensíveis.

No quadro abaixo, é possível observar as etapas de desenvolvimento da linguagem e da fala na infância.

Quadro 1 – Desenvolvimento da linguagem e da fala na infância

FAIXA ETÁRIA	CARACTERÍSTICAS DO DESENVOLVIMENTO
3 meses	Começa o balbucio, a criança produz sequência de sons por prazer; O balbucio é importante na construção de sequências de movimento musculares que serão utilizadas mais tarde na produção de sons significativos da fala.
9 meses	A criança repete a fala das outras pessoas, mas as palavras são ainda utilizadas sem significado;

	Ouvindo e imitando os adultos, a criança aprende que grupos de sons se referem a objetos, pessoas e situações específicas.
12 a 18 meses	A criança começa a proferir palavras simples com significado, muitas vezes, acompanhado de gestos. Apenas são usadas palavras isoladas, aumentando, gradualmente, o vocabulário a partir das 2 ou 3 palavras iniciais.
18 a 24 meses	A criança começa a combinar conceitos para formar frases de 2 palavras; Ao redor dos 2 anos, ela poderá utilizar 100 ou mais palavras diferentes.
2 a 3 anos	As frases da criança alongam. Começa a introduzir adjetivos e advérbios das frases.
A partir dos 3 anos	Começam a ser usadas frases mais elaboradas, com vários substantivos, verbos no pretérito e no futuro, e frases compostas; contudo, são frequentes os erros.

Fonte: Muzkat e Mello (2009, p. 6).

Tais sistemas foram desenvolvidos ao longo do tempo e se adaptando conforme as necessidades. Muszkat e Melo (2009, p. 2) afirmam que a linguagem humana, embora adquirida, tem uma estrutura de base filogenética própria que se modifica e se expressa de diferentes formas no curso da ontogênese. A linguagem é a atividade humana de maior plasticidade e a de maior ambiguidade, subjetividade, fazendo a ponte entre a percepção mediada pelos sentidos e a experiência simbólica integrada pela memória e o pensamento. Logo, quanto mais o sujeito adquire conhecimento e ferramentas linguísticas mais ele se desenvolve.

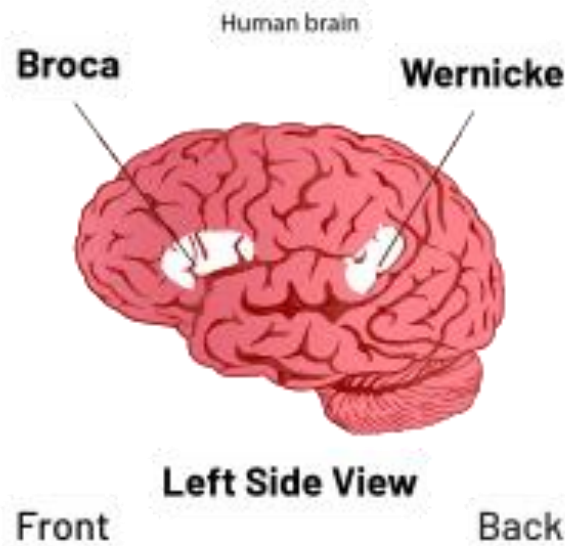
Biologicamente, o processo da linguagem no cérebro é complexo e interessante, onde é possível perceber a conexão entre as diferentes regiões do cérebro por meio da rede de neurônios. Para que haja uma comunicação eficiente o ouvido tem que sintonizar os sinais auditivos complexos, decodificá-los os quais são levados por células nervosas à área auditiva do córtex cerebral, no lobo temporal. O lobo, então, reprocessa os impulsos, transmite-os às áreas da linguagem e provavelmente armazena a versão do sinal acústico por um certo período de tempo (Schirmer; Fontoura; Nunes, 2004, p. 3), por sua vez, a área de Wernicke, situada no lobo temporal, é responsável por interpretar os sons e obter pensamentos e conceitos. Por outro lado, para verbalizar os pensamentos acontece todo inverso desse processo, além de envolverem a memória e as áreas do controle motor (Schirmer; Fontoura; Nunes, 2004, p. 3).

Um cérebro no qual todas as ligações neurais são feitas e os dois hemisférios do cérebro conseguem se desenvolver é capaz de aprender novos idiomas, se relacionar com pessoas, aprender gramática (estrutura de uma língua), decodificar sons etc., entretanto se o cérebro não

tem todas essas desenvolturas, isso pode ocasionar transtornos do desenvolvimento, como, por exemplo, a dislexia, o que não impede a aprendizagem, mas complexifica o processo de aquisição do conhecimento consideravelmente.

A imagem, a seguir, retrata o lado esquerdo do cérebro onde ficam localizadas as áreas da Broca e de Wernicke, ambas com indicadores de seta ao lado dos respectivos nomes onde está escrito em inglês “Front” (frente) e “Back” (atrás), indicando as posições no cérebro humano. O cérebro está com sulcos e giros semelhantes ao natural e colorido em tons de rosa e as partes da Broca e do Wernicke em tons de branco para destacar.

Figura 1 – Imagem da região do cérebro onde fica localizada a área de Wernicke



Fonte: Imagem tirada da *internet* mostra onde fica localizada a área de Wernicke https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81rea_de_Wernicke. Acesso em: 23 fev. 2025

A etiologia das dificuldades de linguagem e aprendizagem é diversa e pode envolver fatores orgânicos, intelectuais/cognitivos e emocionais (estrutura familiar relacional), ocorrendo, na maioria das vezes, uma inter-relação entre todos esses fatores. Sabe-se que as dificuldades de aprendizagem também podem ocorrer em concomitância com outras condições desfavoráveis (distúrbio emocional, problemas sensorio-motores) ou, ainda, ser acentuadas por influências externas, como, por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada (Schirmerb; Fontoura; Nunes, 2004, p. 5).

Hudson (2016) afirma que a dislexia geralmente é algo familiar, o que sugere que pode haver uma ligação genética. Às vezes, ela se manifesta com condições alérgicas, como eczema

ou febre do feno, além disso problemas auditivos na primeira infância ou deficiência visuais podem ser fatores contribuintes.

O disléxico tem o seu lado esquerdo do cérebro inferior ao lado direito, o que dificulta a aquisição da linguagem, pois o hemisfério esquerdo é responsável pelas habilidades de leitura e escrita, conforme se vê na figura abaixo, que compara as atividades cerebrais entre indivíduos com dislexia e sem dislexia através de duas visões: visão lateral e superior. A parte superior e lateral do cérebro não disléxico, em cor vermelha, verde e azul, mostra as regiões do cérebro durante a leitura; por sua vez, o cérebro disléxico contém as regiões com as mesmas cores, o que representa uma redução de atividade de leitura.

Figura 2 – Comparação dos cérebros com dislexia e sem dislexia

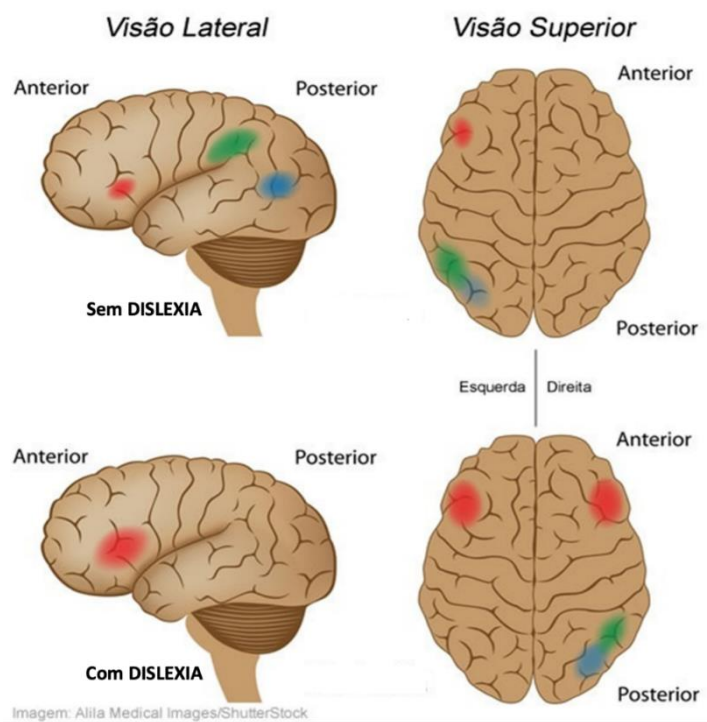


Imagem: Alia Medical Images/Shutterstock

Fonte: Imagem retirada da internet. Disponível em: <https://www.espaco-crescer.com/vamos-tratar-a-dislexia-por-tu>. Acesso em: 23/02/2025.

Nesse sentido, Hudson (2016) apresenta como características dos hemisférios do cérebro as seguintes funções, conforme quadro abaixo:

Quadro 2 – Características dos hemisférios do cérebro

Hemisfério esquerdo	Hemisfério direito
Matemática	Arte música
Lógica; análise	Intuição
Dedução	Imaginação
Fatos, ordem.	Percepção espacial
Linguagem palavras	Criatividade

Estratégias	Impulsividade
Ciências	Ideias e imagens

Fonte: Hudson (2016, p. 16).

A dislexia, sob o viés das ciências da saúde, é um transtorno de aprendizagem. Segundo Worthinhton (2003, p. 15), a dislexia foi definida como uma “dificuldade de interpretação da linguagem escrita em um indivíduo que não tem deficiência visual, deficiência auditiva ou deficiência intelectual”.

2.2.2 A dislexia sob o âmbito das Ciências Humanas

A área das ciências biológicas é inegavelmente necessária, neste campo de estudos é possível perceber que as pesquisas sobre a dislexia estão atreladas a aquisição da linguagem, a qual tem como base fatores neurobiológicos, os estudiosos pesquisam, principalmente, as funções cerebrais e o processo de aquisição da linguagem. Todavia, sabendo da importância do ambiente para construção social do sujeito trouxemos também a visão dos pesquisadores das ciências humanas a qual é muito necessária, para, acima de tudo, ampliar a visão sobre as pessoas com dislexia, trazer um olhar mais inclusivo voltado especialmente para a educação como propulsora do desenvolvimento humano.

A aprendizagem da língua é motivada não só por fatores biológicos ou neurológicos, mas também por fatores sociais e ambientais, assim as crianças não têm uma linearidade no processo de aquisição da linguagem, pois ela é sempre reflexiva e dependente de fatores favoráveis ao aprendizado. Nesse sentido, a dislexia vista sob a ótica das ciências humanas envolve os fatores sociais. Segundo Hudson (2016), a palavra *dislexia* deriva do grego *Dis* e significa dificuldade; *Lexis* significa palavra. Dislexia significa, então, dificuldade com as palavras.

De acordo com Santos (2009), os alunos disléxicos necessitam de uma estimulação altamente sistemática, estruturada, explícita e intensiva que aborde todos os aspectos necessários para desenvolver as capacidades subjacentes à aprendizagem de leitura e escrita. Assim, conforme Hudson (2016) e Davis e Braun (2004), os disléxicos têm características específicas na leitura, escrita e nas habilidades sociais e que devem ser levadas em consideração no processo de ensino e aprendizagem, quais sejam:

Quadro 3 – Características dos disléxicos na leitura, escrita e habilidades

Características dos disléxicos na leitura	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura lenta; ● A leitura é imprecisa; ● O aluno nem sempre compreende o que leu, pois está concentrado em decifrar as palavras, resultando na perda do sentido geral; ● As imprecisões de leitura aumentam se o aluno estiver sob pressão. Por isso, tende a cometer mais erros em provas; ● O aluno pode substituir uma palavra visualmente semelhante que comece com a mesma letra; ● Inverte letras ou algarismos na leitura de palavras ou números.
Características da dislexia na ortografia	<ul style="list-style-type: none"> ● Ortografia incongruente da mesma palavra, muitas vezes dentro de um mesmo trabalho escrito; ● Dificuldade com a fonologia. Pode não escutar sílabas das palavras; ● Pode confundir consoantes, por exemplo, <i>g</i> e <i>q</i> ou <i>d</i> e <i>b</i>, ou <i>f</i> e <i>v</i>.
Habilidades básicas dos disléxicos	<ul style="list-style-type: none"> ● São capazes de utilizar seu dom mental para alterar ou criar percepções; ● São altamente conscientes do meio ambiente; ● São mais curiosos que a média; ● Pensam principalmente em imagens, em vez de palavras; ● São altamente intuitivos e capazes de muitos <i>insights</i>; ● Pensam e percebem de forma multidimensional; ● Podem vivenciar o pensamento como realidade; ● São capazes de criar imagens muito vívidas.

Fonte: Hudson (2016, p. 28- 29); Davis e Braun (2004, p. 33).

Por sua vez, a ortografia é um campo de análise importante, visto que os alunos disléxicos têm dificuldade na escrita. Segundo Mousinho e Correa (2009), em ortografias transparentes, apesar da precisão com que as crianças disléxicas ou leitores menos habilidosos podem decodificar palavras não familiares ou mesmo pseudopalavras em comparação com seus pares anglófonos, tal decodificação não atinge o mesmo nível de fluência e automaticidade das crianças de desenvolvimento típico. As crianças disléxicas de diferentes línguas alfabéticas apresentam dificuldades na acurácia e fluência na representação fonológica das palavras escritas (Mousinho; Correa, 2009).

Ainda segundo os autores (Mousinho; Correa, 2009), especificamente no Brasil, as palavras são mais transparentes, ou seja, as pessoas leem as palavras da forma como ela é escrita, entretanto, os disléxicos cometem erros na escrita. Ainda segundo as autoras, as transgressões ortográficas mais frequentes na escrita de crianças com problema de aprendizagem no português no Brasil são também observadas na escrita de crianças de desenvolvimento típico.

Tais transgressões se referem, com maior frequência, à ocorrência de correspondências grafofônicas múltiplas, em que um fonema pode ser representado por diversas letras ou um grafema pode representar diversos fonemas. No que diz respeito aos aspectos semiográficos, destacados como relevantes para aprendizagem da ortografia no português brasileiro, observa-se a importância que as habilidades de consciência morfológica assumem para o desenvolvimento da leitura e da escrita para o disléxico (Mousinho; Correa, 2009).

A troca de letras de fonemas acusticamente próximos pode ser observada na imagem a seguir, que foi tirada da Cartilha do ENEM 2020¹ e contém uma tabela dividida em duas colunas: do lado esquerdo, mostra imagens da forma como os alunos disléxicos escrevem as palavras com fonemas com acústica próxima, nas quais há troca de letras, sendo elas “tecnologia” “acapa” e “tributos”. No lado direito, está a explicação das palavras troca de letras “t” por “d”, em “tecnologia”; troca da letra “b” por “p”, em “acaba”; e troca da letra “b”, por “p”, em “tributos”.

Figura 3 – Palavras escritas por disléxicos com trocas de letras de fonemas acusticamente próximos

TROCA DE LETRAS DE FONEMAS ACUSTICAMENTE PRÓXIMOS ²	
	Troca da letra “t” por “d” em “tecnologia”
	Troca da letra “b” por “p” em “acaba”
	Troca da letra “b” por “p” em “tributos”

Fonte: INEP (Cartilha do Participante ENEM 2020).

Sendo assim, é importante para o profissional da educação ter conhecimento também da parte biológica, mas principalmente do fator social, a fim de que possam melhorar suas práticas docentes em sala de aula, para intervir mais acertadamente e contribuir com a aprendizagem dos alunos, visto que ditados, por exemplo, sem um efetivo objetivo e cuidado, sobretudo, com aspectos da fonologia e morfologia, podem levar alunos disléxicos a se sentirem incapazes de aprender e frustrados.

¹ O INEP disponibiliza, anualmente, a Cartilha do Participante aos alunos que vão fazer a redação do ENEM, com orientações, em separado, sobre os critérios avaliativos de alunos com Dislexia, com TEA (Transtorno do Espectro Autista) e surdos, com o objetivo de auxiliar tanto os professores quanto os alunos que irão fazer a prova a entenderem como são avaliados tais candidatos. Por esse motivo, os organizadores utilizaram de exemplos de palavras para explicar o processo de avaliação.

Logo, são os professores de Língua Portuguesa que devem buscar conhecer as formas como os disléxicos aprendem e adquirem a linguagem e quais as ferramentas metodológicas estão sendo desenvolvidas para ensinar estes alunos a aprenderem a ler e escrever. Para que os alunos aprendam e se sintam protagonistas da aprendizagem, o professor deve dispor de metodologias eficazes que façam os alunos aprenderem, considerando seus limites e seus potenciais.

Conforme Muskat (2009), às crianças com dislexia têm dificuldade na decomposição fonológica, e, apesar de a leitura ser, geralmente, lenta, a compreensão da fala é intacta. Pessoas com dislexia também têm dificuldade de soletrar, reconhecer rimas, ler palavras não habituais, mesmo que sigam as regras gramaticais da língua (pseudopalavras). Entretanto, apesar de haver similaridade entre as dificuldades dos disléxicos, “é importante pontuar que os sujeitos têm suas particularidades no processo formativo, ou seja, eles vão ter dificuldades diferentes” (Muskat, 2009, p. 13). Davis e Braun (2004) afirmam que a dislexia é uma condição autogerada: não existem dois disléxicos que a tenham desenvolvido exatamente da mesma maneira.

Segundo Massi e Santana (2011), a linguagem é concebida como atividade constitutiva do humano, conforme citado por Franchi (1992). A relação entre o sujeito e a linguagem se constitui e se modifica continuamente. A criança, durante a aprendizagem da escrita, constrói e reconstrói, em conjunto com o outro, estratégias, muitas vezes, episódicas para usar o objeto escrito.

Conforme Massi e Santana (2011, p. 407),

o “erro” é percebido como resultante de diferentes estratégias desenvolvidas pelo aprendiz durante a produção de textos. Dentre tais estratégias, ressaltamos: o uso “indevido” de letras em função do próprio sistema ortográfico que, em um dado contexto, aponta para um determinado uso e em outro não; a hipercorreção, isto é, a aplicação de uma regra indevidamente; o acréscimo, troca ou supressão de letras pelo fato de o aprendiz ainda não dominar o engendramento da escrita; a transcrição fonética, revelando que, muitas vezes, a criança escreve pautando-se em aspectos da oralidade; hipossegmentações e hipersegmentações², as quais denunciam que ora a criança faz fusões vocabulares por estar embasada no contínuo da fala e ora apresenta separações impróprias, exatamente pelo fato de já ter algum conhecimento acerca de convenções da escrita.

Segundo Moutinho e Coudry (2021, p. 1139), para a Neurolinguística Discursiva (ND), a compreensão do cérebro parte de sua historicidade, plasticidade e funcionamento complexo e integrado. Conforme os autores, é preciso compreender a noção de variação funcional: ainda

² A hipossegmentação e a hipersegmentação fazem parte do processo da escrita a qual é possível notar a importância da oralidade para os aprendizes. Na hipossegmentação há ausência de espaço nas fronteiras entre as palavras e na hipersegmentação há alocação de espaços no interior da palavra (Da Cunha, 2004).

que o cérebro seja um patrimônio biológico comum a todos, é inegável a variação de funcionamento e de modos e organização neurológica. Para os autores, essa variação é determinada pelas diferentes relações históricas, sociais e culturais que atravessam e determinam os sujeitos, mediadas pela linguagem. A linguagem não pode ser, portanto, reduzida à comunicação, codificação e decodificação, mas sim construção coletiva, histórica e social, o que confere a ela um caráter de indeterminação semântica e sintática e exige o contexto para ser interpretada (Franchi, 1992).

Assim, segundo as ciências humanas, para se fazer uma análise sobre a dislexia e o processo de ensino, é necessário averiguar como estão as condições de educação a que os estudantes estão submetidos. Conforme o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2022, havia, no país, 163 milhões de pessoas de 15 anos ou mais de idade, das quais 151,5 milhões sabiam ler e escrever um bilhete simples e 11,4 milhões não sabiam. Ou seja, a taxa de alfabetização foi 93,0%, em 2022, e a taxa de analfabetismo foi 7,0% deste contingente populacional. Logo, é evidente que as condições sociais no país importam ao diagnóstico dos alunos, pois, por terem um ensino ineficaz, os alunos podem ter dificuldades e, por conseguinte, receber um diagnóstico incorreto de dislexia.

Assim, os pesquisadores das ciências humanas, além de serem contrários a uma pesquisa exclusiva sobre a forma como o cérebro se comporta, também são críticos das pesquisas genéticas, pois, muitas vezes, tais pesquisas são utilizadas para limitar os alunos e suas capacidades, provocando a chamada medicalização da vida (Safatle, 2011), isto é, a educação passa a transferir uma responsabilidade que seria sua para a área da saúde, incentivando, com isso, rótulos e se eximindo da responsabilidade de pesquisar, investigar e propor soluções para o tema.

Massi e Santana afirmam que:

outro ponto a discutir são pesquisas na área de genética que buscam relacionar doenças e genes, considerando apenas a questão biológica como preponderante na construção dos sintomas. [...] Até que ponto o social define e molda nossas características inatas? Segundo Befi-Lopes (2008), estudos sobre distúrbios específicos de linguagem (DEL) relacionando-os com atipicidade cerebral, ainda estão distantes da perfeição, uma vez que muitas crianças com DEL não apresentam atipias cerebrais. Parece, então, que tais atípicas devem ser consideradas como fatores de risco para o desenvolvimento do distúrbio, mas sua natureza, severidade e persistência dependem, provavelmente, de fatores não biológicos [...] O senso comum, com isso, transforma uma suposta herança social em herança natural. O conceito de dislexia é, assim, legitimado em parte pelos profissionais e em parte pela própria família que toma as suas dificuldades com a linguagem escrita como sintomas de uma doença hereditária. Ou seja, é construído por um senso comum que, nesse contexto específico, recebe uma “chancela científica” autorizada pelo senso comum médico (Massi; Santana, 2011, p. 408).

Assim, a dislexia é vista de duas formas – bem antagônicas: de um lado, ela é vista como um transtorno, que precisa de suporte, leis e associações que buscam validar suas limitações e dificuldades; e, por outro lado, a dislexia é vista como mais uma forma de o sujeito agir no mundo, aprender e socializar.

Nesse sentido, os fatores sociais se sobressaem. Os pesquisadores têm como foco validar a dislexia como mais uma forma diferente de aprender, não necessariamente ligada à genética ou a fatores neurológicos, mas socioculturais, por isso se deve buscar formas de aprendizagem específicas para ensiná-los, assim como buscar o respeito à diversidade de aprendizes e a valorização da educação no país.

2.2.4 Dislexia: sobre garantia de direito, a realidade escolar e implicações dessa não garantia

O artigo 205 da Constituição Federal estabelece que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da sociedade: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Tal legislação é um marco importante para os direitos dos alunos e é através dela que outras leis e medidas foram criadas para auxiliar o ofício do professor, principalmente pautadas nos princípios do artigo 206, quais sejam,

igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; gestão democrática do ensino público, na forma da lei; garantia de padrão de qualidade; garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.

Apesar disso, algumas necessidades educacionais, como a dislexia, não tinham suas características visibilizadas pelas leis. Por isso, houve a criação da Lei nº. 14.254/21, que dispõe sobre os direitos das pessoas com Dislexia e TDAH, o que reflete avanço na inclusão dos alunos disléxicos, por incentivar o acompanhamento integral desses estudantes. O acompanhamento integral, previsto no caput desta legislação, compreende:

Parágrafo único: A identificação precoce do transtorno, o encaminhamento do educando para diagnóstico, o apoio educacional na rede de ensino, bem como o apoio terapêutico especializado na rede de saúde.

Art. 2º As escolas da educação básica das redes pública e privada, com o apoio da família e dos serviços de saúde existentes, devem garantir o cuidado e a proteção ao educando com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem, com vistas ao seu pleno desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, com auxílio das redes de proteção social existentes no território, de natureza governamental ou não governamental.

Art. 3º Educandos com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem que apresentam alterações no desenvolvimento da leitura e da escrita, ou instabilidade na atenção, que repercutem na aprendizagem devem ter assegurado o acompanhamento específico direcionado à sua dificuldade, da forma mais precoce possível, pelos seus educadores no âmbito da escola na qual estão matriculados e podem contar com apoio e orientação da área de saúde, de assistência social e de outras políticas públicas existentes no território (Brasil, 2021).

Além disso, o Plano Nacional de Educação (PNE) guia as metodologias do profissional da educação. Diante disso, é possível perceber que as diretrizes do PNE estão coerentes com os princípios da Constituição e da lei de acompanhamento dos educandos disléxicos.

São diretrizes do PNE: erradicação do analfabetismo; universalização do atendimento escolar; superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação; melhoria da qualidade da educação; [...] (Brasil, 2014).

Tendo isso em vista, deve-se destacar que a dislexia faz parte do ambiente escolar, logo a necessidade de os professores, em especial o professor de Língua Portuguesa, conhecerem o transtorno para saber como ensinar, avaliar e, a partir disso, incluir tais alunos integralmente na escola.

Nesse sentido, infelizmente, a realidade dos alunos disléxicos brasileiros ainda está distante do que propõe a legislação: muitos disléxicos sentem frustração ao adentrar o meio educacional, por não se sentirem valorizados e suficientemente capazes de aprender.

Possível reflexo disso é que apesar de ser tópico importante no ramo da educação, tendo em vista que o conhecimento dos profissionais sobre o tema contribui para melhor desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, ainda há poucos estudos sobre a dislexia desenvolvidos por pesquisadores na área da educação e do ensino nas plataformas selecionadas para este estudo.

Pinto e Brasileiro (2024, p. 5) afirmam que a Licenciatura em Letras, em especial, carece de destinar atenção vigilante ao tema, visto que a dislexia é um transtorno ligado diretamente ao desenvolvimento da linguagem. Em um ambiente em que a leitura e a escrita são reconhecidas e valorizadas, o aluno com tal distúrbio de aprendizagem acaba excluído dos processos relativos ao aprender, caso não haja metodologias específicas para práticas inclusivas, tendo que se encaixar nos modelos de notas, avaliações, exigências e obrigações cujos moldes não lhe servem.

A metodologia ainda utilizada pelos professores não visa à aprendizagem da escrita dos alunos com dislexia, pois utiliza estratégias e avaliações que não beneficiam o conhecimento desses educandos; um dos motivos é a falta de conhecimento dos professores de língua portuguesa sobre esse assunto.

Pinto e Brasileiro (2024, p. 10) mostram que atividades, como identificação e decodificação da palavra, compreensão da leitura, soletração, expressão escrita, expressão oral e compreensão auditiva, inseridas nas atividades propostas e realizadas na sala de aula, típicas de Língua Portuguesa, representam dificuldades para o aluno disléxico. Essas dificuldades, levando em conta o fato de que as habilidades citadas são exigidas para a obtenção de notas, são carregadas pelo estudante ao longo da vida acadêmica e podem impedi-lo de seguir suas escolhas. Importa dizer que a situação em questão, mais uma vez, é tomada como responsabilidade do professor, mais precisamente daquele voltado para o aprendizado do domínio da leitura, como no caso do de Língua Portuguesa, quando, de fato, trata-se de um problema sistêmico.

Logo, para resolver essa problemática todos os agentes que integram a educação – professor, família, Governo, universidade – precisam aprender a forma como os alunos adquirem conhecimento e as melhores estratégias para avaliá-los.

Pinheiro (2009, p. 30) destaca os prejuízos das aulas não adaptadas aos alunos: “uma criança que não tenha solidificado a sua alfabetização poderá tornar-se frustrada”, com pouca perspectiva no processo evolutivo de aprendizagem. E ainda, como consequência, poderá apresentar um baixo rendimento escolar e, progressivamente, uma baixa autoestima, podendo manifestar comportamento antissocial ou isolamento, bem como desinteresse e, em último caso, abandono escolar. Isto também pode vir a reduzir as possibilidades sociais e colocação insatisfatória no mercado de trabalho (Nunes, 2019, p. 30).

Araújo (2007) afirma que o disléxico, geralmente, demonstra insegurança e baixa autoestima, sentindo-se triste e culpado por não conseguir executar tarefas na escola com a mesma destreza que os colegas. Com isso, criam um vínculo negativo com a aprendizagem, podendo apresentar atitude agressiva com professores e colegas.

Assim, é evidente que a busca por soluções metodológicas para a acessibilidade e uma verdadeira inclusão é importante para que os alunos disléxicos consigam não só aprender, mas também socializar melhor no ambiente escolar, posto que, assim, eles conseguiriam se sentir pertencentes à escola, ampliando isto para o convívio social externo à escola; o que teria, enfim, eficácia na vida dos alunos, não só escolar como também na vida social.

3 ESTADO DA QUESTÃO SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS COM DISLEXIA

Para a execução da pesquisa foi feito um estado da questão, a qual partiu de um panorama das pesquisas sobre as palavras-chaves: dislexia, educação e ensino de Língua Portuguesa. Realizamos um levantamento bibliográfico, buscando dados em artigos, revistas e livros, circunscritos à área da Linguística e à grande área da Educação, que tratassem sobre ensino de Língua Portuguesa e Dislexia, com vistas a mapear a definição, as características da dislexia e as proposições de como ensinar para este público-alvo.

Utilizamos a abordagem metodológica qualitativa, pois não se buscou somente os artigos relacionados ao tema, mas também buscou-se analisar o impacto e a relevância desses estudos para a realidade escolar e a melhor práxis dos educadores. Segundo Minayo (1994, p. 10), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Para a filtragem da pesquisa, foram especificadas, nos buscadores, as seguintes palavras-chaves: dislexia; ensino; língua portuguesa. Buscou-se os trabalhos mais recentes, dos anos de 2015 a 2023, não houve delimitação de nível de ensino, pois a quantidade de trabalhos encontrados foi incipiente para isso, sendo assim, este trabalho conta com pesquisas do Ensino Fundamental II ao Ensino Superior, analisados nos três temas selecionados.

A seleção foi feita, especificamente na área da educação, com trabalhos de pedagogos, psicopedagogos e graduados em Letras. Para o aprofundamento sobre a temática, foram usados livros referenciais da área da dislexia, sendo oriundos de vários ramos, como fonoaudiologia, psicopedagogia, linguística e pedagogia. Ao longo da pesquisa, foram encontrados muitos artigos interessantes, com pesquisas atuais no campo da saúde e poucos trabalhos no campo da educação. Com isso, ficou perceptível que muitos trabalhos da educação, pelo fato de ter pouco material pedagógico e científico no campo da educação e de Letras, se utilizam das pesquisas de outras áreas para basear suas hipóteses e definir seus objetivos, fazendo uma grande junção de visões das áreas, que, muitas vezes, tem proposições e resultados diferentes, o que entendemos como posturas equivocadas que devem ser revistas e repensadas.

Ao todo foram selecionadas 3 dissertações, 10 artigos e 1 TCC nos portais da Capes, Scielo e portal do Profletras. Além disso, depois da primeira filtragem, que teve por objetivo gerar dados quantitativos, por meio das palavras-chave, houve uma segunda filtragem, sendo,

nesse momento, retirados os artigos que não usavam adequadamente o termo para se referir ao transtorno de dislexia, como “portador de dislexia” e “acometido pela dislexia”, “doença”. Além de também não ser escolhido trabalhos na área da saúde para ser analisado.

A partir da filtragem e compilação dos textos, após leitura, eles foram separados por temas, considerando as aproximações de temáticas entre eles. A metodologia foi uma pesquisa qualitativa, tendo como referência repositórios Profletras das Universidades Federais - tanto de artigos como dissertações, Periódico da Capes e do Scielo, Google Acadêmico. A pesquisa foi feita com critérios de inclusão, em especial, para pesquisas nacionais com foco em formação do professor, vivências dos alunos disléxicos em sala e atividades pedagógicas produzida pelos docentes e sua eficácia no processo de aprendizagem dos alunos.

Ao todo, emergiram dos dados três temas de pesquisas, são eles: concepção dos professores sobre o ensino da Língua Portuguesa para alunos com dislexia, a vivência do disléxico na sala de aula e, por fim, práticas docentes que auxiliam na aprendizagem dos alunos, como se vê no quadro abaixo:

Quadro 4 – Quantitativo de trabalhos encontrados na pesquisa

Tema	Quantidade de trabalhos	Natureza dos trabalhos
Concepção dos professores sobre o ensino da Língua Portuguesa para alunos com dislexia	4	Dissertação – 1 Artigo – 3
Vivência do disléxico na sala de aula	6	TCC – 1 Artigo – 5
Práticas docentes que auxiliam na aprendizagem dos alunos	4	Dissertação – 2 Artigo – 2

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

4 ANÁLISE DE DADOS

Para análise foram elaborados três quadros, contendo o título do artigo, a revista de onde foi retirado o trabalho, o ano de publicação e o nome dos autores. Apresentamos um quadro para cada tema de pesquisa identificado após o levantamento dos textos.

4.1 Concepção dos professores sobre o ensino da Língua Portuguesa para alunos com dislexia

Nesta seção, apresentamos e descrevemos brevemente os trabalhos que se enquadram dentro do primeiro tema que emergiu na pesquisa, após a seleção dos trabalhos: a concepção dos professores sobre o ensino de Língua Portuguesa para alunos com dislexia, compilados no quadro, a seguir; após o quadro, seguem os comentários descritivos sobre cada um.

Quadro 5 – Concepção dos professores sobre o ensino da Língua Portuguesa para alunos com dislexia

TÍTULO	NATUREZA DO TRABALHO / NOME DA REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTORES(AS)
O Diagnóstico de Dislexia e a postura do Professor do Ensino Fundamental II	Dissertação – UFRJ/Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado Profissional (Profletras).	2015	Elisane Nunes da Silva.
A dislexia na concepção do professor do Ensino Fundamental	Artigo apresentado ao III Congresso Nacional de Educação	2015	Fabiana Martins de Freitas.
A concepção de professores do ensino fundamental nos anos iniciais e finais sobre dislexia: um estudo de caso	Artigo publicado na Revista Construção Psicopedagógica	2022	Wilne Neves M. Lustosa; Yloma Fernanda de O. Rocha.
Ensino de língua portuguesa e educação inclusiva no ensino fundamental II: desafios e barreiras	Artigo publicado nos anais do ESTAGIAR – Encontro do Estágio de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.	2023	Isadora Zurlo Nogueira.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Na dissertação “O diagnóstico de dislexia e a postura do professor do ensino fundamental II”, a autora começa seu texto fazendo a separação das visões dos pesquisadores do âmbito da saúde e da educação. Posteriormente, ela descreve a realização do teste de consciência fonológica com alunos nas escolas e uma análise sobre a postura dos professores da escola a qual se propôs a pesquisar.

Foi percebido pela autora, a queixa dos docentes da escola por falta de capacitação para ensinar os alunos com dificuldade em leitura, diante dessa falta de conhecimento e métodos para ensinar, a autora propôs o teste de consciência fonológica para, primeiramente, verificar a aprendizagem dos alunos, mas também, para dar aos professores um método para eles mesmo verificarem a aprendizagem dos estudantes e saberem exatamente o que precisa ser reforçado para o ensino da leitura na escola.

A autora foi ao colégio e utilizou para o teste dois grupos de alunos, um denominado grupo alvo e o outro grupo controle. O grupo controle era formado por alunos que demonstravam um rendimento “normal” e sem reprovações. O grupo alvo tinha alunos com dificuldades de aprendizagem e com laudo de dislexia.

Como resultado, foi comprovado que o grupo controle teve rendimento superior ao grupo alvo. O grupo alvo teve seu rendimento como médio e inferior; esses alunos tiveram dificuldade com as rimas e as pseudopalavras – importante apontar que alguns dos alunos com laudo de dislexia, por terem pais presentes na educação e acompanhamento profissional, tiveram rendimento melhor. Esse teste foi feito para dar aos professores uma noção maior de como trabalhar a língua portuguesa e outras disciplinas na sala de aula.

No segundo artigo, “A dislexia na concepção do professor do ensino fundamental”, a autora começa o texto explicando o que é a dislexia e, posteriormente, apresenta a metodologia. Ela lança mão de um estudo de campo em escolas municipais. A autora fez visitas em 10 escolas e, depois que ela conheceu os professores e a escola, fez um questionário de múltipla escolha para os professores sobre o tema da dislexia e contou com a participação de 20 professores do Ensino Fundamental. Desses, 10 lecionam na escola Terlópedes Cruz na cidade de Tacima e 10 na escola Arnoud Dantas do Nascimento, na cidade de Cacimba de Dentro no Estado da Paraíba (PB). A autora esclarece a metodologia usada:

Para a identificação dos participantes, construímos um questionário com espaço para idade, tempo que leciona e sua formação. Os entrevistados possuem em média 39,5 anos de idade. A média de tempo de serviço está em torno de 16 anos. Quanto as habilitações, foram entrevistados 12 graduados (60%), 5 pós-graduados (25%) e 3 magistrados que estão graduando (15%). Optamos por preservar a identidade do entrevistado e dessa forma, garantir maior autenticidade nos dados da pesquisa (Freitas, 2015, p. 4).

A primeira pergunta feita foi: “Como definir as Dificuldades de aprendizagem do aluno?”. Como resposta, a autora teve: 3 (15%) dos 20 professores questionados não souberam definir as dificuldades de aprendizagem. Fato esse preocupante para uma classe que lida o tempo todo com isso. Os outros 17 professores da amostra responderam à questão citando um ou mais conceitos. Desses conceitos, surgiram: alunos que não conseguem aprender, representando 20% da amostra, segundo a visão dos professores; dificuldade proveniente do apoio familiar, compondo 25% das opiniões. 30% dos conceitos estão representados pela falta de atenção, interesse e compreensão de conteúdo. Apenas 5% da amostra citou a má valorização da educação como definição para as dificuldades de aprendizagem e outros 5% citaram a má alfabetização (Freitas, 2015).

Na segunda pergunta: “Para você, o que é dislexia?”, a autora teve os seguintes resultados: 7 (35%) professores assumem que a dislexia se trata de um distúrbio de aprendizagem da escrita e leitura; 8 (40%) concordam que a dislexia é uma dificuldade ou problema que o aluno apresenta; 3 (15%) afirmam que a dislexia está relacionada com a falta de atenção e o querer do aluno; e 2 (10%) professores afirmaram que se trata de um caso especial, ou seja, uma doença. Houve, ainda, em poucos casos, respostas relacionando a dislexia com preguiça, perturbação e dificuldade momentânea.

Na terceira pergunta: “Você conhece as causas da dislexia?” A maioria dos professores não souberam responder, o que evidencia que os professores precisam de mais preparação nessa temática. Nas perguntas seguintes, foi percebido que a maior parte respondeu também que poderia ensinar os alunos com atividades diferenciadas. Também foi percebido que os professores ainda não têm conhecimento suficiente sobre as características dos disléxicos.

A pesquisadora percebeu também que um número expressivo de professores afirma que nunca deu aula a alunos com dislexia, o que é uma questão para refletir, visto que a maioria dos professores ministram aulas há muitos anos e talvez até tenham ministrado aula a alunos disléxicos, mas não perceberam, pois não souberam identificar tais características. Em síntese, foi analisado pela autora que

os dados expostos revelam concepções heterogêneas e por vezes contraditórias. De modo geral, percebemos que não há falta de informação quanto ao termo “dislexia”, no entanto, há superficialidade e confusão quanto à posição dos professores. Ora conhece a dislexia, ora desconhece as causas, ora pode detectar os sinais de um disléxico, ora nega experiência com os mesmos na sua carreira (Freitas, 2015, p. 11).

O terceiro artigo, “A concepção de professores do ensino fundamental nos anos iniciais e finais sobre dislexia: um estudo de caso”, analisa a dislexia trazendo conceitos sobre o tema e relaciona-os com conceitos sobre alfabetização e a importância de saber os dois temas.

O objetivo foi fazer uma pesquisa sobre o nível de informação dos professores de Língua Portuguesa. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de campo descritiva por meio de uma abordagem qualitativa. Os autores fizeram entrevistas com professores da escola particular e alguns psicólogos que atuam também na escola para, posteriormente, analisar os dados coletados e descobrir o nível de conhecimento de tais profissionais sobre o assunto. Os resultados indicaram quase total desconhecimento sobre o tema, visto que muitos professores, inclusive com pós-graduação em ensino, não sabiam muito sobre dislexia nem como ensinar tais crianças.

O quarto artigo “Ensino de língua portuguesa e educação inclusiva no ensino fundamental II: desafios e barreiras” também traz uma vivência dos professores de sala de aula da educação básica, com as turmas do fundamental – anos finais –; além disso, os autores trazem propostas para o enfrentamento das dificuldades encontradas. Este artigo retrata a realidade dos estágios dos professores em formação, ao se depararem com alunos com dislexia. Foi percebido que muitos dos estagiários e professores não conhecem o que é a dislexia e as respectivas práticas docentes que favorecem os aprendizados dos alunos. A autora traz uma crítica sobre o assunto propondo que haja na prática dos professores visando a um ensino mais inclusivo. Para amparar sua visão, ela cita Saviani, importante pesquisador da educação. Saviani (2015, p. 287) afirma que

o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se formem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Desta forma, fica claro a importância da escola para ajudar no processo de formação dos sujeitos tanto de maneira cultural, quanto de maneira histórica, principalmente priorizando a individualização de cada sujeito. Assim, o professor precisa saber que, ao ensinar o aluno disléxico, ele vai ter que priorizar tanto as suas necessidades quanto às suas particularidades culturais.

Por fim, fica claro que as pesquisas sobre a concepção dos professores sobre dislexia estão muito embasadas na realidade vivida cotidianamente na educação básica. Os autores

trazem uma realidade que precisa ser modificada, pois, muitas vezes, apesar da experiência e da formação, muitos professores não sabem como promover um ensino inclusivo a seus alunos, que considere as diferentes especificidades, além de não poderem contar com estrutura e recursos de qualidade, em muitos casos.

4.2 A vivência do disléxico na sala de aula

Nesta seção, apresentamos e descrevemos brevemente os trabalhos que compõem o segundo tema que emergiu na pesquisa, após a seleção dos trabalhos: a vivência do disléxico na sala de aula, agrupados no quadro, a seguir; após o quadro, seguem os comentários descritivos sobre cada um.

Quadro 6 – Vivência do disléxico na sala de aula

TÍTULO	NATUREZA DO TRABALHO / NOME DA REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTORES(AS)
O leitor disléxico e o prazer da leitura sem palavras escritas	TCC (Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – UFMG)	2019	Calcilda Gomes Nunes.
Inclusão e acessibilidade: percepção de estudantes com dislexia e TDAH	Artigo publicado na revista International Journal of Development Research	2020	Rosamaria Reo Pereira; Rosana Assef Faciola; Fernando Augusto Ramos Pontes; Viviam Rafaela Barbosa Pinheiro Freire; Simone Souza da Costa Silva.
Reflexões sobre estudo de caso de produções textuais feitas por crianças com dislexia	Artigo publicado na Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial	2021	Giovanna Periotto Ciccarino; Polyanna Mondadori Santos.
Práticas de escrita em aluno com dislexia	Artigo/Capítulo de livro publicado no E-book: Diálogos entre a escola e universidade na formação continuada.	2022	Sandra Pottmeier.

Desempenho ortográfico de escolares com dislexia e dificuldades de aprendizagem	Artigo publicado na RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação	2022	Thaís Contiero Chiaramonte; Simone Aparecida Capellini
A dislexia e a prática: uma vivência	Artigo publicado na Litteras – Revista dos Cursos de Letras e Pedagogia	2023	Emily Oliveira de Araújo; Valter Zotto de Andrade.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

O texto “O leitor disléxico e o prazer da leitura sem palavras escritas” (2019) traz a experiência de um aluno disléxico com produções audiovisuais e lança mão da metodologia de estudo de caso descritivo, por meio do qual relata a relação do disléxico com a leitura. A autora analisou a vivência de uma criança de 11 anos, na cidade Belo Horizonte. Durante a pesquisa, foram feitas atividades de leitura com o aluno para analisar o seu interesse nas histórias com código escrito e naquela apenas com imagem. O que a autora constatou foi que o aluno, ao ter que ler livros, sente frustração, pois tal atividade relaciona-se à sua dificuldade de decodificar os códigos, isto é, ler propriamente.

Quando o aluno com dislexia foi avaliado por meio de experiência com livros com áudio, vídeo e peças teatrais, sentiu-se mais motivado e conseguiu aprender mais sobre as histórias. A pesquisa mostra que ao fornecer aos alunos outras formas de aprender e oportunizar outros contatos com a literatura sem ser a apenas a codificada dá oportunidade de encontrarem a sua forma de aprender.

O artigo “Inclusão e acessibilidade: percepção de estudantes com dislexia e TDAH” (2020) traz a realidade dos estudantes da Universidade Federal do Pará, por meio da metodologia do estudo de caso:

Este estudo consiste em uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo, com dados quantitativos e qualitativo que visou obter informações sobre as ações de acesso e permanência de estudantes com dislexia e TDAH na UFPA, no qual ficou constatado, por meio de um estudo de caso, que a acessibilidade pedagógica não atende às necessidades dos alunos com dislexia tanto na avaliação quanto na formação docente (Pereira *et al.*, 2020, p. 2).

Para análise das percepções dos alunos da universidade, os autores fizeram a seguinte divisão: “a) o processo de ensino-aprendizagem, b) avaliações, c) tecnologia assistiva (TA) e d) formação docente. Todas as categorias foram classificadas considerando dois aspectos, a saber: positivo e negativo” (Pereira *et al.*, 2020, p. 3).

Como resultado, foi percebida uma visão mais negativa do que positiva pelos alunos.

No que se refere ao processo de ensino aprendizagem, houve respostas negativas em 63% dos itens, o que denota maior insatisfação dos estudantes em relação as práticas pedagógicas adotadas pelos docentes diante do desafio de ensinar os alunos com dislexia e TDAH. Por outro lado, a percepção positiva esteve presente em 37% nesta mesma dimensão. Quanto aos dados acerca das avaliações, a maior parte das respostas (67%) expressaram percepção negativa em relação ao apoio dispensado ao aluno nestas situações, quando comparado com 33% de percepções positivas. Em relação a TA, houve resposta negativa para 84% dos itens, o que indica que esses serviços não estavam sendo oferecidos de modo satisfatório. Em contraste, a percepção positiva foi encontrada em 16% dos dados desta dimensão. Por fim, verificou-se percepção negativa na maioria (67%) das respostas acerca da formação dos docentes, quando comparado com os itens classificados como positivos nesta dimensão (33%) (Pereira *et al.*, 2020, p. 3).

Os autores afirmam que entender essa realidade contribui para intervenções adequadas, visto que que o estudo desse gênero ainda é escasso no meio científico e propõem planejamento que favoreça o entendimento dos alunos, em especial no meio acadêmico.

O artigo “Reflexões sobre estudo de caso de produções textuais feitas por crianças com dislexia” (2021) também traz uma prática de crianças com dislexia e suas produções textuais, com o objetivo, segundo as autoras, de compreender o processo de como a linguagem é desenvolvida pelos estudantes.

O propósito das autoras foi de fazer um estudo exploratório de caráter qualitativo ao realizar uma análise das produções textuais de duas alunas com laudo de dislexia na cidade de Curitiba. As pesquisadoras fizeram entrevistas e coletaram materiais, como livros didáticos e diários das alunas, para analisar as suas produções e quais seriam as características textuais encontradas nas produções dos disléxicos.

Os resultados mostraram que cada criança é diferente e sua relação com o texto também o é. Segundo as autoras, “uma das dificuldades apresentada por Violeta (nome fictício) em suas produções textuais é a segmentação não convencional de palavras, empregando mais a hipossegmentação, ou seja, a supressão do espaço entre as palavras” (Ciccarino; Santos, 2021, p. 4).

De acordo com Correa (2010, p. 64), o uso dos espaços em branco na escrita das palavras é uma característica específica da linguagem escrita e não pode ser identificada na fala, além de exigir uma consciência da organização gráfica da escrita e o reconhecimento da palavra como unidade fonológica, dificultando o seu emprego em textos.

As autoras dão exemplo de outra aluna com dislexia:

A dificuldade apresentada por Margarida em suas produções escritas é a inversão ou omissão de letras em palavras, caracterizada pelos exemplos abaixo. A inversão ou omissão das letras demonstra um déficit na consciência fonológica da criança, pois no

momento de transpor o fonema para o grafema, ocorrem falhas gráficas causadas pela manipulação inadequada dos componentes das palavras (Ciccarino; Santos, 2021, p. 11).

As pesquisadoras, ao fazerem entrevistas com os familiares das alunas, perceberam que as crianças tinham um sentimento de revolta com o ensino, pois não havia uma metodologia que ajudasse no seu desenvolvimento, fazendo com que muitas vezes elas se sentissem frustradas com a educação recebida.

O texto “Práticas de escrita em aluno com dislexia” (2022) foi elaborado por uma pesquisadora do ramo da linguística sobre processo de escrita de um aluno com dislexia. O texto, a partir de uma prática de coleta de dados, busca entender quais os fatores extrínsecos ao processo de ensino-aprendizagem em si influenciam na aprendizagem dos alunos, como o fato de os pais terem ou não hábito de leitura ou escrita. Para a autora, a educação é feita em conjunto com a sociedade. O texto traz um olhar linguístico sobre a aquisição da escrita dos sujeitos disléxicos.

A autora traz uma crítica em relação à visão médica da dislexia, a qual, muitas vezes, analisa de maneira separada o aspecto biológico dos contextos sociais e culturais, nos quais os sujeitos disléxicos estão inseridos. Segundo ela, isso é um problema, inclusive, para promover as práticas pedagógicas, visto que muitos professores podem se limitar ao aspecto médico/biológico, nas suas práticas de ensino, por não analisar todos os contextos em que aqueles alunos estão inseridos e que precisam ser levados em consideração no momento da prática inclusiva.

Neste sentido, Canguilhem³ acreditava que

um problema clínico nunca é apenas um problema clínico, até porque ele só é determinado enquanto problema por partilhar um padrão de racionalidade, historicamente situado, cujas raízes não se esgotam apenas no campo da clínica (Canguilhem, 2002, p. 13).

Desta forma Canguilhem, importante pesquisador das ciências da saúde, acreditava que os estudos epistemológicos das doenças estavam intrinsicamente ligados à história e à cultura.

Logo, ao fazer a diferenciação das duas visões, a autora faz jus às ideias de pesquisa de Canguilhem, pois não existem apenas conceitos biológicos sem os contextos sociais intrínsecos. Por meio de pesquisa qualitativa, a autora fez um estudo de caso de um aluno com laudo de dislexia. A coleta de dados se deu por meio de uma entrevista com o aluno que tinha laudo de dislexia e seu responsável e pela análise de suas produções textuais.

³ SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. *Scientiae Studia*, v. 9, p. 13, 2011. Acesso em: 27 fev. 2025.

No momento da coleta de dados, a autora percebeu uma realidade na qual o aprendiz tinha muita falta de acesso à educação, à cultura e à socialização eficiente em sala de aula, pois o aluno não tinha o apoio necessário para adquirir todo o seu conhecimento. Com isso, ela traz uma importante reflexão:

Quando não se leva em consideração as questões sociais, em muitos casos, as dificuldades de leitura são medicalizadas através de diagnósticos como dislexia, TDAH, dentre outros; ou ainda, as dificuldades dos alunos são todas relacionadas diretamente às deficiências orgânicas. Segundo Meira (2012), a medicalização é um desdobramento do processo de patologização dos problemas educacionais que tem servido como justificativa para a manutenção da exclusão de grande parte das crianças pobres que, embora permaneçam na escola por longos períodos de tempo nunca chegam a se apropriar de fato dos conteúdos escolares (Pottmeier, 2022, p. 12).

O artigo “Desempenho ortográfico de escolares com dislexia e dificuldades de aprendizagem” (2022) traz uma pesquisa sobre a diferença de alunos com dislexia e alunos com dificuldade de aprendizagem nas competências ortográficas. É descrito na literatura que escolares com dificuldades e transtornos específicos de aprendizagem podem apresentar dificuldades na apropriação ortográfica do sistema de escrita do português brasileiro, porém, pouco é discutido sobre quais os erros mais cometidos por estas populações.

Segundo as autoras, foi selecionado um grupo de alunos:

75 escolares do ensino fundamental, de ambos os sexos, na faixa etária de 9 anos a 11 anos e 11 meses de idade, que frequentavam do 3^a ao 5^a ano do Ensino Fundamental I de Escola Pública Municipal, divididos em três grupos: Grupo I (GI): composto por 25 escolares com diagnóstico interdisciplinar de dislexia do desenvolvimento; Grupo II (GII): composto por 25 escolares com dificuldades de aprendizagem; Grupo III (GIII): composto por 25 escolares com bom desempenho acadêmico, ou seja, sem qualquer tipo de dificuldades de aprendizagem (Chiaromonte; Capellini, 2022, p. 5).

Com isso, foi realizada a avaliação da ortografia, por meio de ditado de palavras e pseudopalavras, a partir da semiologia dos erros. Os resultados foram comparados estatisticamente pelo Teste de Kruskal-Wallis e ajustado pela Correção de Bonferroni, por meio dos quais foi possível observar que

os perfis ortográficos de escolares com dislexia e dificuldades de aprendizagem se assemelham, enquanto o perfil de escolares com bom desempenho acadêmico difere dos demais grupos, concluindo, também, que a prova de Ditado de Pseudopalavras é a melhor para diferenciar escolares com Dislexia dos escolares com dificuldades de aprendizagem e bom desempenho acadêmico (Chiaromonte; Capellini, 2022, p. 1).

O artigo “A dislexia e a prática: uma vivência”, de Emily Oliveira de Araújo e Valter Zotto de Andrade, traz um relato de pesquisa com um aluno com laudo de dislexia. Os autores trazem a descrição da vivência de um aluno disléxico na escola e todo o seu processo de aprendizagem. Ao se depararem com o aluno, no início, foi percebido que, por não ter um

acompanhamento profissional para ensiná-lo, ele teve muita dificuldade de progredir na escola – tinha uma leitura lenta, escrita com palavras indecifráveis, o que ocasionava notas muito baixas.

Com o acompanhamento do apoio educacional, o aluno conseguiu evoluir consideravelmente, as professoras conseguiram ensiná-lo de forma que ele conseguisse aprender e, com isso, tirasse notas melhores. Os autores trazem, com imagens dos textos do aluno, a progressão da aprendizagem da sua escrita e seu sentimento positivo ao longo do processo, o que mostra que a facilidade na aprendizagem, em certa medida, está diretamente ligada à autoestima dos estudantes. Por fim, a autora traz também exemplos de atividades que podem ser usadas para o ensino de alunos com dislexia.

Com a produção desse panorama das pesquisas realizadas em diferentes lugares do país, foi possível perceber que a falta de uma metodologia adequada, acompanhamento dos pais e responsáveis e a falta de um acompanhamento multiprofissional fazem com que muitos alunos sofram com frustrações e baixa autoestima, o que precisa ser mudado.

3.3 Práticas docentes que auxiliam na aprendizagem dos alunos

Nesta seção, apresentamos e descrevemos brevemente os trabalhos que se enquadram dentro do último tema emergido na pesquisa, após a seleção dos trabalhos: práticas docentes que auxiliam na aprendizagem dos alunos, organizados no quadro, a seguir. Após o quadro, seguem os comentários descritivos sobre cada um.

Quadro 7 – Práticas docentes que auxiliam na aprendizagem dos estudantes

TÍTULO	NATUREZA DO TRABALHO / NOME DA REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTORES (AS)
Oficina pedagógica para docentes em formação: concepção de jogos educativos para alunos com dislexia	Dissertação (Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior) – UFPA	2019	Shirley dos Santos Silva.

As dificuldades apresentadas à aprendizagem da língua portuguesa no ensino fundamental	Artigo publicado na Revista Projeção e Docência	2021	Luciana Ferreira Oliveira de Sousa; Wanderson Venâncio Dourado; Maria do Rosário Loiola do Nascimento Lopes.
Dislexia: possíveis intervenções em contextos escolares	Artigo publicado na Sala de Recursos Revista	2022	Marcelle Regina da Silva Camargo.
Contribuições da consciência fonológica e das correspondências grafofônicas em estudantes com indícios de dislexia nos anos finais do ensino fundamental	Dissertação (PROFLETRAS – UFPE)	2022	Niedja Karla da Cruz e Silva Rodrigues.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

A dissertação “Oficina pedagógica para docentes em formação: concepção de jogos educativos para alunos com dislexia” teve como objeto analisar a eficiência dos jogos pedagógicos para o ensino de alunos com dislexia. Primeiramente, a autora fez uma análise detalhada da dislexia utilizando-se de muitas referências, depois fez uma análise detalhada sobre as características dos jogos educativos. Posteriormente, a autora explicou a metodologia utilizada na pesquisa. Segundo a autora (Silva, 2019, p. 49), o referido estudo desenvolveu, como produto educacional, a Oficina para docentes em formação: Concepção de jogos educativos para alunos com dislexia.

O campo de aplicação do produto foi em duas Instituições de Ensino Superior – IES, a saber: Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Campus Macapá-Polo Marco Zero. A escolha desta IES se deu por ter sido o campo de estágio da autora desse estudo; o outro foi Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Guamá. Essa IES é o local onde a autora do estudo realiza o mestrado profissional. Sendo assim, foi campo propício para a execução da oficina, visto que o Instituto de Educação demonstrou interesse pela realização da oficina no curso de Licenciatura de Pedagogia.

O público-alvo foi professores de educação básica, graduandos de História e Pedagogia, e Professores doutores da universidade. Primeiramente, foi feito um questionário com algumas perguntas sobre dislexia para saber o nível de conhecimento dos sujeitos; como resultado,

muitos não conheciam as características dos disléxicos; depois foi feito um produto pedagógico, sendo as oficinas sobre os jogos para os graduandos dos cursos de História e Pedagogia. A autora verificou que não é oferecido curso de jogos pedagógicos para os graduandos, o que é uma lacuna significativa, já que os jogos são uma excelente ferramenta para a aprendizagem dos alunos.

No artigo “As dificuldades apresentadas à aprendizagem da língua portuguesa no ensino fundamental”, foram abordados os conceitos de dislexia à luz da psicologia e da pedagogia e, posteriormente, foi feita uma pesquisa com professores e alunos para entender quais eram as dificuldades mais comuns encontradas em sala de aula. A partir das respostas, que foram dificuldades na escrita e na leitura, foram elencadas algumas proposições de métodos que podem sanar as dificuldades dos alunos.

Segundo os autores, o objetivo principal deste estudo era investigar o distúrbio da dislexia sob a ótica das possibilidades de aprendizagem do aluno e, principalmente, do professor. Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se, como recurso metodológico, a pesquisa-ação como forma de interação entre o ato de investigar e reproduzir os estudos acerca do transtorno. A abordagem se deu de forma qualitativa. Os autores perceberam que havia um desconhecimento por parte dos professores e déficit fonológico por parte dos alunos, comportamentos desafiadores e desinteresse, o que promovia mais atrasos na aprendizagem dos conteúdos. Com isso, decidiram não só avaliar, mas implementar propostas e ações que visassem à melhora desse quadro.

Assim, eles, no primeiro momento, fizeram entrevista com os profissionais e observaram os alunos, para, a partir disso, produzirem algumas medidas para mudar a situação. Os autores debateram com os professores os sinais que caracterizam o disléxico. No momento formativo dos professores, quiseram que os professores tivessem um olhar não para as dificuldades e lacunas dos alunos, mas para suas habilidades e potencialidades:

A concepção inclusiva de perfil do aluno e a necessidade da atuação do docente, não pelas suas deficiências, mas por seus pontos fortes. Dessa maneira, as estratégias foram montadas, por assim dizer, baseadas nas evidências de áreas fortes nos processos cognitivos superiores voltados para as pessoas disléxicas (Sousa; Dourado; Lopes, 2021, p. 34).

Como resposta a esse trabalho, foi percebido pelos autores:

No bojo de tantas informações, couberam atividades de estímulo e atenção utilizando ferramentas tecnológicas de games e jogos de alfabetização online. Ao final do período de investigações e intervenções com os alunos e profissionais, pode-se notar que a aproximação desses alunos com as hipóteses de melhorias em si já impulsionou seu aprendizado, lançando uma semente de esperança. O contato com suas dificuldades dentro das intervenções e a busca por saídas que não só lhes excluíssem,

mas, ao contrário, os incluísem, de fato, no fazer do cotidiano escolar, contribuiu para aumentar o interesse desses alunos em seu processo de aprendizagem. Observou-se, acima de tudo, a formação das competências leitoras em alunos disléxicos que passaram a estabelecer um vínculo necessário à leitura: a consciência fonológica (Sousa; Dourado; Lopes, 2021, p. 37).

O artigo “Dislexia: possíveis intervenções em contextos escolares” explica o que é a dislexia, como é a realidade dos disléxicos em uma escola no Rio de Janeiro e quais metodologias facilitam o processo de ensino. O fato de estas medidas terem sido executadas em sala e terem benefícios significativos ao ensino dos alunos dá referências para os professores, quando constata quais metodologias, porque adequadas, dão resultados positivos para os alunos. Segundo a autora, “concluiu-se que o aluno disléxico exposto às situações diferenciadas de ensino, mesmo em classe regular, demonstra condições de aprendizagem comuns à sua idade/série” (Camargo, 2022, p. 1).

Por sua vez, a dissertação “Contribuições da consciência fonológica e das correspondências grafofônicas em estudantes com indícios de dislexia nos anos finais do ensino fundamental” traz metodologias relacionadas, em específico, à consciência fonológica, haja vista que ela é responsável pela alfabetização e letramento dos alunos. Segundo a autora,

percebeu-se que as metodologias voltadas para reflexão acerca da consciência fonológica contribuem para melhorar as habilidades de leitura dos alunos, os quais podem obter benefícios expressivos em fluência e precisão. O estudo consubstanciado através de leituras pertinentes e intrínsecas ao objeto de pesquisa, além da investigação e análise integrativa de artigos relacionados ao tema, indica a urgente necessidade de pesquisas e estudos científicos relacionados às estratégias de ensino da Língua Portuguesa destinada aos estudantes disléxicos. Nas considerações finais, são apresentadas propostas direcionadas à melhoria da qualidade do ensino de estudantes portadores de dislexia (Rodrigues, 2022, p. 7).

A autora utilizou-se de gêneros textuais, como: textos poéticos de tradição popular, assunto ministrado na turma do 6º ano. Ela escolheu fazer sua pesquisa em uma escola da rede municipal de ensino no estado de Pernambuco. O público-alvo da pesquisa foram alunos que demonstravam elevada dificuldade de aprendizagem. Com isso, a autora fez oficinas na escola com os alunos que tinham características de dislexia, com objetivo de auxiliar os professores e os alunos no processo de aprendizagem da leitura, por meio de leitura de textos, atividades e jogos educativos, tendo como base, para as atividades, o objetivo de desenvolver a consciência fonológica dos alunos. Desta forma, os resultados foram positivos, pois conseguiu-se auxiliar os alunos com essa metodologia.

Assim, foi percebido que trabalhos com metodologias mais lúdicas e práticas faz com que os alunos tenham mais interesses e facilidades na aprendizagem, também foi percebida a importância do desenvolvimento fonológico para a escrita e leitura dos alunos.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O objetivo geral deste trabalho foi sistematizar um panorama do que se tem pesquisado e publicado sobre a dislexia no campo da educação e do ensino de língua portuguesa, com as seguintes palavras-chave: dislexia; ensino; língua portuguesa, dos anos de 2015 a 2023, a fim de verificar como essas produções podem propiciar contributos relacionados também a metodologias que os professores podem utilizar em suas aulas e que possam colaborar no desenvolvimento de alunos com dislexia, fazendo-os superarem suas dificuldades e alcançando um desenvolvimento pleno, concretizando o que Buzato afirma:

O que torna a formação do professor um desafio fantástico não é a ideia ingênua de que podemos/devemos recomeçar do zero, mas justamente a necessidade de integrar o novo com o que já temos/sabemos, a partir do que já temos/ sabemos, transformando esse conjunto de práticas, habilidades e significados (Buzato, 2006, p. 13).

Assim, foi observada uma predominância de trabalhos produzidos no campo da educação superior a área de Letras, também foi percebido que a maioria das pesquisas foram feitas em escolas públicas. Interessante notar que a região Norte não apresenta muitas pesquisas publicadas sobre o assunto nem centros de atendimento para esse público; importa salientar que tal lacuna perpassa por todos os níveis de ensino. Assim sendo, foi notado que os alunos com dislexia não têm muito apoio pedagógico durante a sua formação.

Desde já chamamos a atenção da necessidade da realização de estudos mais aprofundados na área da educação e do ensino-aprendizagem de línguas sobre este tema, pois não se trata tão somente de diagnóstico, mas de acessibilidade e inclusão, de inovação pedagógica, de garantia de direitos fundamentais. É o que defendemos neste estudo.

Destacamos, ainda, que alguns dos trabalhos selecionados mostram uma amostra não suficiente para uma generalização, pois, conforme apontado em alguns dos trabalhos, a dislexia apresenta características bastante individuais, que se diferenciam entre um indivíduo e outro. Contudo, isto não desmerece a realização de tais pesquisas, pois colaboram com o conhecimento dessas diferentes características.

Também foi percebido que a presença dos pais é fundamental. Os alunos com pais presentes que acompanham os filhos na escola têm um desenvolvimento educacional e emocional melhor. Por fim, foi percebido que o acompanhamento de profissionais, como fonoaudiólogos e psicopedagogos auxiliam muito no desenvolvimento da criança, mas que a escola não pode delegar total responsabilidade aos profissionais da saúde e se eximir da sua função de educar, assim como não se pode considerar apenas os estudos da saúde, pois, como

tratado aqui, tais estudos, em sua maioria, descartam os contextos sociais e culturais a que sujeitos disléxicos estão inseridos.

Desde já chamamos a atenção da necessidade da realização de estudos mais aprofundados na área da educação e do ensino-aprendizagem de línguas sobre este tema, pois não se trata tão somente de diagnóstico, mas de acessibilidade e inclusão, de inovação pedagógica, de garantia de direitos fundamentais. É o que defendemos neste estudo.

Desta forma, urge a necessidade de fazer uma intervenção no processo formativo dos docentes, pois foi constatado por meio da análise dos dados que é um consenso que os professores, apesar de saberem, ainda que superficialmente, em alguns casos, o que é a dislexia, não conseguem caracterizá-la e identificá-la na sala de aula, o que é um grande problema, em especial para as aulas de Língua Portuguesa, visto que é nela que se encontram os maiores desafios de aprendizagem dos alunos disléxicos.

Os alunos têm maiores dificuldades de concentração na leitura, tem uma leitura lenta, uma escrita com erros ortográficos, dificuldades para desenvolver a consciência fonológica e, com a falta de preparo dos profissionais em relação ao assunto, complica-se ainda mais o processo de apropriação de conhecimento do aprendiz, pois eles não conseguem ajudá-los e, muitas vezes, também não exploram o potencial e as habilidades desses alunos, concentrando-se apenas nas dificuldades, sem vislumbrar seu progresso.

Outrossim, necessitamos também que mais pesquisas no ramo da educação e da linguística, com o foco no ensino de língua portuguesa, sejam realizadas para tornar mais difundidos o conceito de dislexia e as práticas metodológicas para, em específico, os professores de Língua Portuguesa. Também para que os professores de Língua Portuguesa, educadores e a escola em si saibam como ensinar as crianças com esse transtorno sem necessitar de orientações médicas, a fim de interromper esse ciclo de medicalização da vida, de forma que essas dificuldades não se tornem rótulos, mas que consigam, com orientações e metodologias adequadas, ser superadas e que, a depender do transtorno, o estudante possa conviver pacificamente com ela, alcançando sucesso escolar e em sua vida social.

Vale destacar, também, a importância do estudo interdisciplinar neste trabalho, pois, ao pesquisar as diferentes perspectivas sobre a dislexia, tanto dos psicólogos, psicopedagogos, quanto de pedagogos e linguistas, a miscelânea de ideias e teorias fez com que este trabalho tivesse um panorama maior sobre a realidade dos alunos nas escolas. Assim, fica clara a importância de unir as visões sobre esse assunto, mesmo que divergentes, para que haja respostas mais eficientes para resolver esse desafio tão presente na realidade cotidiana das salas de aula do país.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emily Oliveira de; ANDRADE, Valter Zotto de. A dislexia e a prática: uma vivência. **Litteras, Revista dos Cursos de Letras e Pedagogia**, v. 6, nº 1, 2023.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIÁTRICA *et al.* **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BRASIL. Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. **Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2021.

BRASIL. Lei no 13.005, de 2014, de 25 de junho de 2014. **Aprova o novo Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em 13/09/2024.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Letramentos digitais e formação de professores**. São Paulo: Portal Educarede, 2006.

CAMARGO, Marcelle Regina da Silva. Dislexia: possíveis intervenções em contextos escolares. **Sala de Recursos Revista**, v. 3, nº 1, 2022. Disponível em: <www.saladerecursos.com.br>. Acesso em: 13 dez. 2024.

CHIARAMONTE, Thaís Contiero; CAPELLINI, Simone Aparecida. Desempenho ortográfico de escolares com dislexia e dificuldades de aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, nº 1, p. 0314-0327, jan./mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v17i1.14610>. Acesso em: 12 dez. 2024.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente**. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CICCARINO, Giovanna Periotto; SANTOS, Polyanna Mondadori. Reflexões sobre estudo de caso de produções textuais feitas por crianças com dislexia. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, Marília, SP, v. 8, n. 1, p. 155–170, 2021. DOI: 10.36311/2358-8845.2021. v. 8, n. 1. p155-170. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/10711>. Acesso em: 25 fev. 2025.

DAVIS, Ronald D.; BRAUN, Eldom M. **O dom da dislexia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DA CUNHA, Ana Paula Nobre. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pelotas, 2004.

FRANCHI, Carlos. Linguagem: atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 22, 1992.

FREITAS, Fabiana Martins de. A Dislexia na concepção do professor do ensino fundamental. *In: III Congresso Nacional de Educação*, 2015, Campina Grande. V. 1, 2015, ISSN 2358-8829, 2015.

HUDSON, Diana. **Dificuldades específicas de aprendizagem: Ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger e TOC.** Editora Vozes, 2019.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil.** Editora Contexto, 2015.

LUSTOSA, Wilne Neves M.; ROCHA, Yloma Fernanda de O. A concepção de professores do ensino fundamental nos anos iniciais e finais sobre dislexia: um estudo de caso. **Revista Construção Psicopedagógica**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.37388/CP2021/v31n32a06>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MASSI, Giselle; SANTANA, Ana Paula de Oliveira. A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 21, 2011, p. 403-411.

MINAYO, Maria Cecília S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOUTINHO, Isabella de Cássia Netto; COUDRY, Maria Irma Hadler. Neuroeducação e dificuldades de leitura e escrita: análise à luz da Neurolinguística Discursiva. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 50, n. 3, 2021, p. 1136-1158.

MOUSINHO, Renata; CORREA, J. Conhecimento ortográfico na dislexia fonológica. *In: BARBOSA, Thais et al. (Orgs.). Temas em Dislexia.* São Paulo: Arte Médicas, 2009, p. 33-45.

MUSKAT, M; MELLO, CB. Neurodesenvolvimento e linguagem. *In: BARBOSA, Thais et al. (Orgs.). Temas de Dislexia.* São Paulo: Artes Médicas, 2009, p. 1-15.

NOGUEIRA, Isadora Zurlo. Ensino de língua portuguesa e educação inclusiva no ensino fundamental II: desafios e barreiras. **Anais do 5º Estagiar – Encontro do Estágio de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa**, 2023.

NUNES, Calcilda Gomes. **O leitor disléxico e o prazer da leitura sem palavras escritas.** Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

PEREIRA, Rosamaria Reo *et al.* Inclusão e acessibilidade: percepção de estudantes com dislexia e TDAH. **International Journal of Development Research**, vol. 10, nº 09, p. 39962-39968, 2020.

PINHEIRO, Ângela M. V., **Dislexia do desenvolvimento: perspectivas cognitivo-neuropsicológicas.** Casa da Leitura. 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Angela_Pinheiro4/publication/299438133_Dislexia_do_desenvolvimento_perspectivas_cognitivoneuropsicologicas_Developmental_dyslexia_a_cognitive_neuropsychological_perspective/links/56f7217408ac38d710acle/I/Dislexia-do-

desenvolvimento-perspectivas-cognitivo-neuropsicologicas-Developmental-dyslexia-a-cognitive-neuropsychological-perspective.pdf *apud* NUNES, Calcilda Gomes. **O leitor disléxico e o prazer da leitura sem palavras escritas**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019, p. 30.

PINHEIRO, Ângela Maria Vieira. Dislexia: causas e consequências. *In*: PINHEIRO, Ângela Maria Vieira; SCLiar-CABRAL, Leonor. **Dislexia: causas e consequências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017, p. 14-15.

PINTO, Marcela Lais Allgayer. **Compreendendo as linguagens dos bebês**. FACCAT, 2016. Disponível em: <<https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/COMPREENDENDO%20AS%20LINGUAGENS%20DOS%20BEBES.pdf>>. Acesso em 25 mai. 2025.

PINTO, Maria Luíza Mota Lagares; BRASILEIRO, Ada. Alunos disléxicos na aula de Língua Portuguesa: um estudo sobre desafios e possibilidades de atuação docente. **Educação em Foco**, v. 27, n. 52, 2024, p. 5-10.

POTTMEIER, Sandra. Práticas de letramentos de estudantes com dislexia: processos inclusivos possíveis. *In*: COSTA, Elisângela André da Silva.; FREITAS, Bruno Miranda; DANTAS, Jeane Pereira (Org.). **Diálogos entre escola e universidade na formação continuada**. Fortaleza - CE: Imprece, 2022, v. 2, p. 82-93.

RODRIGUES, Niedja Karla da Cruz e Silva. **Contribuições da consciência fonológica e das correspondências grafofônicas em estudantes com indícios de dislexia nos anos finais do ensino fundamental**. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Letras), Universidade Federal de Pernambuco, 2022.

SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. **Scientiæ zudia**, São Paulo, v. 9, n. 1, 2011, p. 11-27.

SANTOS, Maria Thereza Mazorra dos. Implementação e caracterização de um serviço de assistência e pesquisa em distúrbio de aprendizagem o modelo NANI/CPN. *In*: BARBOSA, Thais et al. (Orgs.). **Temas em Dislexia**. São Paulo: Arte Médicas, 2009, p. 115-122.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 286-293, jun. 2015.

SCHIRMER, Carolina R.; FONTOURA, Denise R.; NUNES, Magda L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal de pediatria**, v. 80, p. 95-103, 2004.

SCHAYWTIZ, Sally, **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SHAYWITZ, Sally; SHAYWITZ, Jonathan. **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Penso Editora, 2023.

SILVA, Elisane Nunes da. **O diagnóstico de dislexia e a postura do professor do Ensino Fundamental II**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado Profissional (Profletras), Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Shirley dos Santos. **Oficina pedagógica para docentes em formação:** concepção de jogos educativos para alunos com dislexia. Dissertação (Programa de Pós-graduação Criatividade, e Inovação em Metodologias de Ensino Superior). Universidade Federal do Pará, 2019.

SOUSA, Luciana Ferreira Oliveira; DOURADO, Wanderson Venâncio; LOPES, Maria do Rosário Loiola do Nascimento. As dificuldades apresentadas à aprendizagem da língua portuguesa no ensino fundamental. **Revista Projeção e Docência**, v. 12, nº 2, 2021.

WORTHINGTON, A. (org.). The Fulton Special Education Digest. Londres: David Fulton Publishers, 2003 *apud* HUDSON, Diana. **Dificuldades específicas de aprendizagem:** Ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger e TOC. Petrópolis, RJ :Editora Vozes, 2019, p.15.